

23126

Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário * 16 de Dezembro de 1978 * Ano XXXV — N.º 907 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NATAL

A visita de Deus à morada dos homens, outrora muitas vezes e de muitos modos feita, culmina, agora, na Encarnação do Seu Filho e torna-se o argumento definitivo do Seu amor pelo Homem. Amor que não recusa a Paixão do Filho (Ele veio para isso: a Paixão é «a Sua hora»); preço, nos Seus desígnios, necessário à libertação do Homem de todo o jugo que o escraviza; morte do que é precário e ressurreição das asas que ele próprio se cortara no dia da desobediência original; asas que lhe permitirão regressar ao encontro do Seu Deus.

O Mistério do Natal é o fundamento do respeito pelo Ho-

mem, constante do pensamento e da vida cristã. É um chamamento ao Homem para que respeite a sua dignidade intrínseca que ele tantas vezes é tentado a profanar em si e nos outros. Dignidade que lhe vem de ser imagem e semelhança de Deus. E tamanha que o próprio Criador a não enjeita ao fazer partilhar da natureza humana o Seu Verbo Eterno, o Filho Primogénito, por Quem e em Quem podemos também ser filhos Seus. O Filho, um-só com o Pai no pensar e no querer, também não considerou o ser igual a Deus um bem a que não pudesse renunciar. E aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a condição de escravo

e tornando-Se semelhante aos homens». «Tende em vós — exorta o Apóstolo — os mesmos sentimentos que existiram em Cristo Jesus». Pelo acolhimento que os homens Lhe prestarem, pela adesão ao Seu acolhimento da vontade do Pai, os homens podem retomar a sua condição original de criaturas acima dos Anjos, aos Quais não foi dado o poder ser filhos e co-herdeiros do Filho.

É na constância deste pensamento transmitido pela primeira geração cristã, que eu entendo a palavra tão recente do Papa João Paulo II, que me sugeriu esta reflexão: «Com quanta veneração o Apóstolo de Cristo deve pronunciar esta palavra: Homem». E este desabafo acorda a recordação daquela outra prece do Papa Paulo VI, em Fátima: «Homens, sede Homens».

São afirmações, aparentemente

te simples, que o Mistério do Natal enquadra tão apropriadamente, e que responsabilizam profundamente os homens perante este diagnóstico implícito de que os males do mundo provêm eminentemente dos homens não serem o Homem que Deus pensou e quer e do qual nos deu o modelo perfeito no Seu Cristo. É no abraçar deste projecto que o Homem caminhará ao encontro da Paz que só Jesus pode dar e efectivamente deixou aos homens que O desejam e O procuram como Mestre e Amigo. Na posse desta Paz pode o Homem ser portador dela para o mundo. Só assim, que ninguém dá o que não tem!

Que o Natal seja para o Homem um momento intenso de encontro consigo e com os outros, por Cristo e em Cristo; e estímulo para o esforço nunca acabado de conformação a Ele, o Deus que não desdenhou ser Homem, o Homem perfeito.

Então acontecerá o que intitulou S. Agostinho e decerto experimentou: «Não é a alegria plena que revestirá os ansiosos dela, mas estes que se-

rão impregnados pela alegria».

Padre Carlos



— É Natal!, grita o Dávi, que fora «Lixo» da rua, sentindo-se hoje feliz em sua casa, a Casa do Gaiato, que outra não tem, como legiões deles.

« MÁQUINAS AMERICANAS »

Safu há dias uma determinação governamental que intenta dificultar as casas de «máquinas americanas» e outros jogos; e proíbe a sua existência a menos de 300 metros dos Estabelecimentos de Ensino.

Regozijamo-nos, embora 300 metros seja uma distância demasiada curta para desencorajar os amadores de tal passatempo, à passagem das ou para as aulas e nos intervalos delas, sobretudo em tempos, como os de agora, em que os horários demonam a ser preenchidos e abundam pretextos para faltas de professores. Além das razões particulares de cada um, doença ou outras, há as reuniões, na Escola ou fora dela, que se multiplicam sem inibição perante centenas de alunos com o seu dia, ou parte dele, vago.

Há umas três semanas, na região de Penafiel (não sei se em outras também...), os Monitores da Telescola foram convocados para uma reciclagem que tinha de se fazer este ano (segundo ouvi, para consumir a verba) e que, por certo, lhes não convinha nos primeiros dias das férias de Natal. E os alunos?... Ficaram dois dias sem aulas, perdendo as lições emitidas pela Televisão, que essas não pararam. Que importa esta desconexão a uma Escola que parece ter os alunos mais como oportunidade de postos de trabalho do que como objecto, a finalidade dela?!

Mas voltemos às casas de «máquinas americanas». Não podem existir a menos de 300 metros das Escolas. E as que existem — ficam?

Cont. na 4.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«Gosto que nos venham ver; que nos conheçam, que nos estudem.» (Pai Américo)

«Somos a porta aberta», assim caracterizou Pai Américo as Casas do Gaiato. Queremos, numa linha de absoluta fidelidade ao seu espírito, continuar a sê-lo. Ao aproximar-se o Natal renovamos o convite já várias vezes aqui formulado para que os nossos Amigos da grande Lisboa venham até nós. Esta Casa fica a cerca de 15 Km da Capital, na estrada para Bucelas, devidamente sinalizada, havendo carreiras bastantes de camionagem, a todas as horas.

Conscientes das nossas limitações e não duvidando que há sempre gente que sabe muito, embora, porventura, nada tenha feito ou venha a fazer, temos a certeza de que nosso modo de ser e de existir, tem de oferecer algo de útil aos interessados. «Venham vêr», pois, com os próprios olhos, do corpo e do

espírito; surpreendendo, na simplicidade do nosso dia-a-dia, o que somos, falando com as pessoas e percorrendo as instalações ficarão capacitados para uma ideia mais real e concreta do que é uma Casa do Gaiato. Conhecendo-nos melhor, estaremos todos mais aptos a amar-nos e, de mãos dadas, confiantes e reciprocamente estimulados, obreiros de dentro e de fora, capazes de continuar a tarefa apaixonante de «fazer de cada rapaz um homem».

● A odisseia dos refugiados do ex-Ultramar continua a vários níveis. Já nestas colunas referimos vários casos e circunstâncias, como, por exemplo, a situação dos timorenses, vivendo no Vale do Jamor e a dos expulsos de África e que, durante dias sucessivos, abole-

taram no aeroporto de Lisboa. Hoje queremos transmitir a impressão dolorosa que nos causou uma visita aos Lares existentes em Camarate. Fomos por três irmãos, de 10, 8 e 5 anos, órfãos recentes de pai e cuja mãe se não sabe onde pára. Promiscuidade, mau cheiro e sinais de depradação dos próprios utentes, revelaram-nos profunda desorganização e indisciplina. Pelos quadros humanos contactados ou surpreendidos ficou-nos a ideia dum abandono puro e simples das pessoas, sem assistência ou cuidados à altura a fazer suportar tragédias dos mais variados tipos. Crianças e jovens dos dois sexos, particularmente rapariguinhas já crescidas, ficaram impressas na nossa mente e não nos deixaram dormir

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

ACTIVIDADES DESPORTIVAS — Continuamos na procura de uma saída para o problema que afecta o nosso desporto interno.

Da fábrica «Coca-cola» chegaram muitas camisolas que servirão para a nossa ginástica, já que é onde temos mais falta.

Um agradecimento à fábrica «Coca-cola» por se ter lembrado de nós.

No dia 1 de Dezembro, fomos jogar fora, mais propriamente a Rio Mau onde vencemos por 4-0, apesar das péssimas condições do tempo.

Pelo Desportivo de Rio Mau alinharam os seguintes jogadores: Zé Maria, Fernando, David, Mário, Armando, Marques I e Marques II, Diniz, Piloto, Noronha e Américo.

Pelo Desportivo da Casa do Gaiato: Sérgio, Adegas, Pires, Maciel, Jorge Phiri, Manuel, Morgado, Escalera, Jorge Alvor, Álvaro e Humberto.

Na segunda parte saíram: Jorge Phiri, Morgado e Pires, para darem lugar ao Zé Manuel, Mário e Costa. Os golos: Aos 15 minutos, Manuel faz 1-0 e novamente aos 35 minutos Manuel faz 2-0. Na segunda parte Escalera abre o activo aos 75 minutos elevando para 3-0. Por último, aos 88 minutos, o Manuel marca o quarto tento fixando o resultado em 4-0.

O Manuel esteve em forma e isso vê-se pelos 3 golos que marcou.

Está também em preparação a corrida de S. Silvestre, que se costuma efectuar na passagem do ano. Parece-me que a coisa vai correr bem, ou não esteja já em preparação.

Quanto ao ténis de mesa, também fomos participantes num torneio realizado em Gandra, no qual nos pudemos destacar nos respectivos lugares: 4.º Gomes, 5.º Escalera e mais lá p'ró fundo os outros.

Não se pára, pois o Desporto tem de ser praticado por todos e em boas condições.

Continuamos a aguardar a vossa compreensão pela oferta de sapatilhas, bolas, equipamentos, dinheiro, etc. Há tantas maneiras de todos poderem contribuir!

Também voltamos a apelar para os Clubes Desportivos das diversas divisões para que nos dêem o seu contributo, ou seja, coisas que já não utilizem. Nós praticamos Futebol, Atletismo, Ténis de Mesa, Basquetebol, Voleibol, Alterofilismo, Damas, Xadrês, etc. Tudo isto faz parte da ocupação, e que ocupação!, dos nossos tempos livres. O Desporto é uma coisa fundamental.

Os nossos antecipados agradecimentos e uma chamada às equipas que quiserem jogar connosco: contactem o nosso grupo. É simples: Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

ACTIVIDADES MUSICAIS — Sem a vossa preciosa ajuda ainda nada, ou quase nada, teríamos de aparelhagem.

O órgão está nas nossas mãos. Outro dia recebemos uma carta dos jovens de S. Mamede de Infesta que pediam para participarmos numa festa de Natal para crianças. Aceitámos, apesar de não termos reportório musical suficiente para saídas. Mas, por se tratar de uma festazinha de Natal, aí vamos.

Em Penafiel convencemo-nos de que logo que o órgão chegasse nos iríamos lançar na compra de uma potente aparelhagem de vozes, essencial nas nossas Festas anuais, que já estão em preparação.

Tudo correu bem, a não ser a falha do amplificador de vozes, pois o que temos, é pouco potente para o devido efeito. Vamos arrancar, nós e vós, o mais rápido possível para que as Festas deste ano possam realizar-se normalmente e isso só será possível com uma boa aparelhagem sonora.

Aos domingos temos ensaiado no nosso palco e a malta tem-se divertido e ocupado o tempo com isso. Por vezes a coisa não sai como nós queremos, mas sempre se arranja a sair mais ou menos. Temos dado tudo por tudo.

Tenho recebido vários pedidos para aprendizagem de bateria, mas, como ando a estudar, não me é possível dar continuidade à iniciação feita há meses atrás. Muito brevemente a reiniciarei.

OUTONO - INVERNO — Outono das folhas caídas, onde o amarelado da Natureza é reinante.

As crianças tiritam de frio a caminho da escola, com seus chapéus de chuva.

As férias terminaram e os trabalhadores recomeçam os ofícios.

As pessoas estão mais melancólicas e tristes, como as folhas ao desprenderem-se da árvore.

As folhas dão estalos de baixo dos pés dos transeuntes, folhas que irão ser cobertas pela neve no Inverno. Tudo é triste!

Apesar do frio que se sente no Natal, as pessoas entram e saem em estabelecimentos para fazerem as compras alusivas à quadra. A neve está no solo com muitas marcas de pés descalços junto de pés calçados. Lembra-me o Natal dos que o podem viver alegremente e o Natal daqueles que nem sequer uma rabanada podem comer, por não a terem.

As crianças estão cheias de brinquedos, uns caros, outros baratos. Mas há crianças que não podem usufruir da alegria de ter um presente de Natal e essas estão, ou pelo menos devem estar, no coração de todos os homens que nesse dia se sentem alegres junto dos seus.

Mas o Inverno não é só bonito na quadra natalícia, é também bela a Natureza que se cobre de neve branquinha, tão branquinha que parece um manto de lã que quer dar alento e consolo aos Pobres.

As crianças sentem-se felizes e vão brincar com a neve como se estivessem no seu terraço a brincar com seus brinquedos!

Tanto o Outono como o Inverno são bonitos e ao mesmo tempo tristes!

CONVERSA DOS NOSSOS PEQUENINOS — Este ano a nossa Comunidade rejubila com mais intensidade com a chegada do Natal. E não admira. Recebemos este ano muitos pequeninos que todo o dia e a toda a hora só falam no Natal e, como não podia deixar de ser, só se fala em brinquedos e em prendas.

Ontem passei pela casa 4, a dos mais pequenitos. Estavam a deitar-se e ouvi conversarem com D. Maria Angélica. O assunto era o Natal e as perguntas cruzavam-se de tal modo que mal pude entender.

D. Maria Angélica dizia que no dia de Natal iam ter uma surpresa e esperava que chegassem brinquedos e coisas boas. Até dizia, com ar de graça, que já tinha telefonado ao Pai Natal para que ele não se esquecesse destes brinquedos.

Só lhes digo. Até os Leitores se ririam se os ouvissem!

Mas como infelizmente o barulho não me deixava ouvir quase nada, fui-me deitar.

No dia seguinte chamei junto a mim o Adriano. D. Maria Angélica estava presente a conversar com o Manel e o Ferreirinha.

— Ó Adriano, outro dia D. Maria Angélica estava a dizer que foi ao Porto falar com o Pai Natal, é verdade?

— Aquilo é «chona» dela! A gente bem sabe que é para ser mais engraçado.

— Também ouvi dizer que ides ter uma surpresa. Que pensas tu que seja?

O Ferreirinha que estava junto a nós, diz:

— Devem ser umas luvas.

E D. Maria Angélica que assistia a esta conversa toda manteve-se calada.

O Manel depois acrescentou que deviam ser umas luvas pois a tia Geca (Maria Angélica) tinha ficado calada. E acrescenta: — Mas não sei, pois também já me disse que não podiam ser luvas porque são muito caras.

Os Leitores não se admirem de os pequenitos falarem em luvas. O frio começa a apertar e há que transportar as padiolas com as folhas caídas no Outono.

Adriano e todos os outros andam na expectativa de saber o que é a surpresa. De qualquer maneira não admira, pois até eu gostava de saber.

— Ó Adriano, o que gostavas tu que fosse?

— Eu gostava que fossem brinquedos, pois o nosso salão de jogos tem os brinquedos mesmo pela hora da morte. Que bom seria se a surpresa fossem brinquedos bonitos e bons para não se estragarem.

— Obrigado, Adriano. O Pai Natal vai atender o teu pedido.

Como vêm por cá a conversa entre os mais pequenos é igual a esta.

E os Leitores não querem ajudar a realizar estes desejos?

«Marcelino»

Tojal

FUTEBOL — Com algumas vitórias e derrotas cá vamos andando. No dia de S. Martinho veio cá o Grupo Desportivo da S.T.E.T. jogar futebol e perdemos por 3-2, mas «ganhámos» a taça. Depois do jogo houve um magusto onde se comeram castanhas e se bebeu «água-pé», que é tudo menos água. Diga-se de passagem que muitos rapazes ainda não sabem «ver» vinho à sua frente... Pedimos aos grupos de futebol que queiram vir jogar connosco que apareçam, pois cá os esperamos.

FRUTA — A laranja já amadurece nas nossas árvores. Em relação ao ano passado temos menos, mas compreende-se, porque no fim da colheita do ano passado houve que dar-lhes uma poda.

Enquanto as laranjas se desenvolvem nas árvores, e algumas já se comem nas mesas, a azeitona vai sendo apanhada. Temo-la colhido só na parte de tarde, porque na parte da manhã há escola. Então, reúne-se toda a malta, pegando nas latinas, nas lataças e nos latões, nas saquinhas e nas sacas e na carroça e lá se vai. Até este momento apanhou-se mais de mil quilos e vamos começar o olival propriamente dito. Em relação ao ano passado não deve haver grande diferença.

Com a apanha da azeitona, lá vai uma anedota:

— Ó Zé Manel! Temos que apanhar a azeitona toda desta árvore, porque o azeite está caro — exclamou alguém.

O «Caxias» metendo-se na conversa, disse:

— O quê?! O azeite está caro?!... Ainda bem que nós temos vacas!

UM PEDIDO — Não se trata de anedota. É verdade. O sr. Padre Luiz anda com um guarda-chuva de senhora e só com meio pano! Deu o seu a um estudante. Como há muitos rapazes a estudar e o tempo invernos já começou, vimos recordar o pedido anteriormente feito, nesta secção, de guarda-chuvas e sapatos.

Por agora é tudo, Amigos. Até uma próxima oportunidade.

«Pato Bravo»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

É NATALI — Um nosso Amigo d'algures — lembrando os Pobres — afirma:

«A quadra natalícia está à porta e, por conseguinte, a família e os bons Amigos não se esquecem.»

A Mensagem de Jesus é assim mesmo: não esquecermos os Outros com mais carências, com mais necessidade: os Pobres, os Oprimidos — as vítimas do nosso egoísmo, da nossa indolência, da nossa omissão, dos nossos pecados. Principalmente os mais nossos, da nossa carne. Há pais e mães e irmãos e avós, tantos Velhos desprezados!!

Natal não é só doçura, palavras bonitas, folclore — rendilhados da praxe em um só dia do ano. Natal é Mensagem dura, é sacrifício, é justiça, é amor. A Jesus negaram berço... crucificaram-no... É o que o mundo faz, com mais ou menos crueldade, a multidões de Irmãos nossos por todo o globo. E não só. Também a discípulos do Mestre, a baptizados, que — mau grado as suas naturais imperfeições — procuram exactamente seguir a Sua Mensagem de justiça, solidariedade, amor. «Não é o discípulo mais do que o Mestre.»

PARTILHA — No Lar do Gaiato, no Porto, 500\$00 em discreto sobresscrito. Um bom Amigo de Santo Tirso deixa uma importância para ser dividida, cabendo aos Pobres 250\$00. Mais 200\$00 de «velha Assinante» de Estremoz, em memória da Mãe: «É pouco, mas a vida está má para todos».

Agora, temos dois vales por alma de «Helena e João». Rua Bartolomeu Dias, Lisboa, um cheque para Auto-construtores: «Esta oferta é pelas almas do Purgatório, especialmente pelas das minhas obrigações». Casal-assinante 17022, os 200\$00 do costume. «A partilha habitual com mais 100\$00 de uma colaboração que passará



Agostinho, Davi e Cibinho também gostam de música!



também a mensal» — da assinante do Seixal. Bola de neve!

O vale do correio, da rua Pascoal de Melo, Lisboa, também não falha! «Pequeno donativo» de Odivelas «em memória do filho, pai e mais família, que Deus já chamou». De um bom Amigo 200\$00 para «comemorar a formatura de uma sobrinha que muito estimo». Assinante 2811, 1.000\$00. Meschede, Alemanha Federal, 20 marcos, dez dos quais por diferença de trocos em um supermercado. Vicentino de Lisboa, com a oportunidade de sempre, vem dar a mão a vários Auto-construtores necessitados de auxílio. E partilha Mensagem. Ora ouçam:

«Numa das suas últimas catequese aos fiéis que acorreram às suas audiências, o Papa João Paulo II disse que «se o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, deve ser providência». A primeira vista, parece ser uma força de expressão, um excesso verbal ou, até, uma impossibilidade. No entanto, afigura-se-me ser uma verdade.

Com efeito, como reza a Sagrada Escritura, «os caminhos de Deus não são os nossos caminhos e os Seus pensamentos estão muito acima dos nossos». Por isso, a Providência Divina não significa uma intervenção pessoal, directa de Deus no nosso quotidiano. Isso creio ser a excepção. Aquela intervenção, segundo creio e seria a ideia do Papa, faz-se indirectamente, por

meio dos homens. Dos homens que, iluminados pela luz da Fé, procuram cumprir os Mandamentos e pôr em prática os ensinamentos do Sagrado Evangelho. No fundo tudo se resume a pôr em acto o Mandamento Novo que o Senhor nos deu: «Amai-vos uns aos outros...»

Se cumprimos este Mandamento tão simples e tão cheio de humanidade transcendente, cada homem pode ser uma pequena providência para o seu semelhante, ajudando-o, como puder, na solução dos seus problemas morais e materiais.

Ora foram estes pensamentos inspirados pelas palavras de João Paulo II que me levaram a dizer no meu íntimo que já era tempo e mais que tempo de atender o mencionado «recado» do meu caro confrade.

Agradeço uma prece por minhas filhas Maria Cristina e Maria Mafalda.»

A Caridade é solícita!

«Uma portuense qualquer» manda 200\$00 «relativos ao mês de Novembro» e, «se Deus quiser, voltarei a enviar mais um bocadinho antes do Natal». Um vale de correio, de Lisboa, destinado «àquilo que mais falta fizer para o Natal que se aproxima».

Em nome dos Pobres, muito obrigado. E votos de santo Natal e Ano Novo.

Júlio Mendes

O Natal visto pelos Gaiatos.

«O MENINO JESUS NASCEU PARA NOS ENSINAR A VIVER»

● O Natal é uma festa que todos festejamos, é o dia do Menino Jesus.

O Natal faz-nos lembrar o nascimento do Menino Jesus, em Belém, numas palhinhas deitado.

Nós vamos à Missa do Galo, à noite. Nós fazemos um Presépio para nos lembrar o Natal. Nós recebemos um presente que nos dão.

Eu gosto do Natal.

O Menino Jesus nasceu pobre para nos ensinar a viver, para nós sabermos como se vive na terra.

O Natal é no dia 25 de Dezembro e nós fazemos uma festa: O Natal é bom para a gente, pois há gente que não passa bem o Natal; pelo menos os Pobres, os Velhos e os Doentes.

No Natal a gente reza por todos que não podem rezar. Gosto de rezar a Jesus, no Natal; mas não só, todos os dias.

«Perna Longa» (13 anos)

● Queria que, neste Natal, houvesse paz em todo o mundo. Todas as crianças deveriam ter um Natal igual ao nosso.

As pessoas vão à Missa do Galo, comem rabanadas, coisas boas e têm prendas.

Jesus foi nosso Amigo. Os homens mataram Jesus para não ser Rei. Ele trouxe uma mensagem para os homens, mas eles não querem isso, só pensam na guerra, em destruir tudo.

«Tiroló» (14 anos)

● Gostaria que o Natal fosse para todos, porque há gente que não

tem Natal; ou porque são pobres e não trabalham ou porque são abandonados.

Eu, no Natal, tenho uma prenda e gostaria que esses infelizes tivessem uma prenda como a minha.

Há pessoas que só pensam nelas, não pensam nos infelizes que não têm uma carícia como a gente gosta de ter.

O Natal é o dia mais feliz para as crianças que têm família com dinheiro para fazer essas grandes festas.

Bonifácio (14 anos)

● Eu gosto muito do Natal porque dão uma prenda muito boa para as crianças brincarem e se alegrarem e para se lembrarem que Nosso Senhor nasceu para lhes dar luz e paz. E não só às crianças, mas também às mulheres, aos homens e aos velhinhos.

Nós fazemos o Presépio para dar alegria ao Menino Jesus, aos Anjos e a Nossa Senhora.

Gosto muito de ir à Missa do Galo, porque falamos com Jesus e também a Nossa Senhora.

Manuel «Gordo» (11 anos)

● Eu, como as outras pessoas, gosto do Natal. É a lembrança de quando o Menino Jesus nasceu. No Natal vou ter uma prenda. E gostava que as meninas e os meninos pobres ou desprezados também tivessem prendas como eu.

«Picapau» (14 anos)

Do que nós necessitamos

Material escolar de uma professora que carinhosamente o enviou. Na caixa do correio do Lar, com toda a discrição: «De um casal jovem, que agradece as vossas orações», 3 000\$. De Ermesinde 500\$. Oferta de 1 000\$, de Aveiro. Amigos da Figueira, com 1 200\$ pelas mãos da D. Mimi. 50\$ por uma intenção particular, do Porto. Cheque de 3 contos, de Lisboa, a dividir por todas as nossas Casas. 200\$ de Cascais. Mais 500\$ de Gaia. Esferográficas de categoria, vindas de Queluz. Assinante 27519, com 200\$. De Pombal, 500\$. Visitantes de Lordelo-Porto, com 110\$. De S. João da Madeira, cheque de 500\$. Vale de 400\$ e mais 1 100\$, do Pessoal da Secção Norte da Rede de Ambulâncias Postais, assinalando o 4.º convívio.

De duas irmãs enfermas, de Espargo, 500\$. De Lisboa-2, 1 000\$. De Quitéria, 500\$. Em sufrágio das almas do Purgatório, 500\$ de Guimarães. De «uma pobre de Cristo», 1 000\$, produto duma toalha feita e vendida. Por alma de António Adelino Nunes de Oliveira, vale de 1 000\$, de Abrantes, da assinante 19900. Envelope com mil escudos, deixado pelas irmãs da D. Hortência. Anónimo do Porto, com 500\$, entregues pelo sr. Emídio. 5 545\$, ofertório da Missa de convívio da freguesia do Calvário — Campanhã. Anónimo da freguesia da Capela, com 1 000\$. Mais 100\$ de Queluz. Por alma de Eduardo Fonseca, seu pai e irmãs, 550\$. Por uma graça recebida, 500\$ de anónimo de Espinho. 1 000\$, oferta do antigo gaiato «Carlos da Erva». No começo das aulas, cheque de 1 469\$20, para ajuda dos livros, de Lisboa. E de uma promessa, 500\$ de Albergaria-a-Velha. Mais 200\$ de S. Pedro do Sul.

Pacote de roupas, da Ama-

dora. Medicamentos de Paço de Arcos. Cheque de 5 000\$ de Lisboa, em cumprimento duma promessa. 50\$ de Luciana, empregada de uma velha Amiga. Casal de visitantes com 500\$. Por alma de António Francisco, 150\$. Em sufrágio de Júlio Martins, 100\$. De uma Mãe de Matosinhos e por alma de seu filho Rogério, 200\$, 100\$ e calçado. 500\$ de Aveiro. Por alma de Manuel Monteiro Conde e José Monteiro Conde, 500\$. Ass. 16264, com os 600\$ mensais, a dividir pelo Calvário. A mensalidade habitual dos 100\$ em selos do correio, da Amadora. Vários donativos entregues no casamento do Artur. Os 500\$ mensais de Valadares. Duma senhora engenheira, de Lisboa, várias presenças.

500\$, «como as propinas estão à porta, a migalha junta talvez dê para as letras de um «Bata-tinha». 100\$ por alma de Francisco d'Almeida. Os 250\$ de todos os meses, da Figueira da Foz. E 500\$ de Castanheira de Pera. Mais 300\$, por intermédio do Padre Frei Gil. 100\$ do Porto. Num mealheiro entregue ao nosso P.e Moura, 743\$20. Por alma de Alberto Maria, 200\$ de Valongo. Os 100\$ habituais, do Porto, por alma de Laura de Almeida. Mais mil da Figueira da Foz. M. Teresa com 150\$. Do Pároco de Alfeina, a muita amizade e cheque de 3 contos. Cheque de 1 000\$, de Lisboa. Igual quantia de Margarida, por alma de seu pai. 2 020\$ de excursão de Ovar. «Velha assinante» do Monte Estoril, com a lembrança mensal de 100\$. O mesmo de Maria Angelina. 50\$ de «alguém». Por alma de Júlia e Albertina, 100\$. Três presenças de 700\$ cada, de Ermesinde. Em sufrágio de Ana da Conceição, várias presenças. E 70\$ de C. Flores.

«Associando-me ao Dia Mundial da Infância, junto vale de 5 000\$». Veio de Coimbra

esta oferta. De Espinho, 8 000\$. Por alma de Manuel, 100\$. Maria Cidália, com 100\$. De Silvalde, 1 000\$ mais 2 100\$, por alma de Mário Soares Marques. Uma caixa com roupas, da ass. 27053. E camisolas de J. C. Leite de Faria. Das Indústrias Tabopan, dois tamos para mesas de ping-pong. 500\$ de Maria Teresa. Maria Helena com 20\$. Por uma graça recebida, 550\$ do Porto. Anónimo de Ferreira do Zézere, com 1 000\$. A presença mensal de 100\$, com a legenda: «A promessa que a minha gratidão não esquece». Da senhora das rosas, produto da venda delas, 2 000\$.

Roupas e calçado de Faro, da ass. 12844. E dizemos que sim. Pode mandar o que desejar. Encomendas com camisas de Montalegre. Por intermédio do senhor Guimarães, de Penafiel, 1 000\$. De Buarcos, 50\$. «Em acção de graças pelo êxito nos estudos de meus filhos», 1 000\$. Vale de 1 000\$, do Porto. Cheque de seis contos de Tomar. 200\$ de anónima. De Vilar Formoso, 1 000\$ em cumprimento duma promessa. 100\$ de Lisboa. Mais 1 000\$ de Coimbra. Duma filha do senhor Barbosa dos Viveiros de Castromil, 855\$. De uma embalagem de laca vazia, se fez mealheiro e, pelo que se lê, diariamente lá se punham umas migalhinhas que somaram a importância indicada. Vinham acompanhadas destas linhas: «A minha oferta diária para ajuda do mais necessário. A última parcela foi posta em 23-10-78, dia do aniversário natalício de Pai Américo. Que Ele, no Céu, peça a Deus por todos os jovens e abençoe os meus filhos».

A importância que vos envio, resulta da diferença de um almoço; para um beberete simples, que os meus colegas do

Cont. na 4.ª pág.

Malanje

Caros leitores, mais uma vez nos encontramos através deste humilde e valoroso quinzenário, relatando alguns aspectos da nossa vida quotidiana aqui em Malanje:

MEL — Já nos cheirava a mel, ao passarmos pelas varandas da casa-mãe, da capela e da casa onde habitava o Fernando e sua família. A altura era esta. Mas como estávamos todos atarefados com as actividades escolares, tivemos que aguardar até que começassem as férias de 8 dias que tiveram o seu início em 15 de Outubro. Só assim nos foi possível começar a nossa recolha, como temos feito todos os anos. Estávamos já um pouquinho atrasados, mas mesmo assim há bastante mel que tem sido muito bem apreciado pelos nossos doentes e

nas refeições de domingo. A cera é aproveitada para a carpintaria e a sapataria.

Os «Batatinhas» são muito amigos do mel. Muitas vezes, por curiosidade, arranjam maneiras de pendurar os seus caixotes e latas em cima das árvores e as abelhas lá fazem o mel. Na altura própria, para recolher o mel, chamam um dos mais crescidos que não tenha medo das abelhas e com um saco a queimar fazem-nas fugir e com muita calma conseguem tirar o mel. No fim de tudo dividem igualmente e o excedente entregam ao chefe maior.

O ANO LECTIVO — O nosso ano lectivo está decorrendo normalmente, embora já se registassem alguns aborrecimentos e atrasos por parte daqueles

que não souberam aproveitar mais um ano.

O nosso camião Toyota tem sido o nosso autocarro infalível. Leva-nos, juntamente com os nossos colegas das aldeias vizinhas, de manhã, às 6,30 h; leva os estudantes do período da tarde, às 12,30 h, e traz novamente os que já lá estão às 13,30 h; e às 19 h traz os que frequentam aulas no período da tarde. Todos os dias percorrendo 80 Km para preparar o nosso futuro. Gasóleo que se queima, desgaste do motor e pneus para, todos os anos, termos aborrecimentos e, muitas vezes, por faltas. Desta vez foi o «Japonês», «Chinês» e «Catete» que perderam o ano por faltas. O «Bolotas» e o «Verdinho» por terem notas péssimas.

Para o próximo ano talvez seremos mais cautelosos neste aspecto.

Carlos Jorge

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

nesse dia, tantas as interrogações a bailar no espírito. Em contra-partida, como nos interrogamos se os responsáveis por toda a série de problemas resultantes da «exemplar descolonização» teriam assumido as suas responsabilidades e se não estariam antes instalados nas poltronas do seu egoísmo, indiferentes à sorte e ao futuro de muitos, às vezes só por quererem permanecer portugueses como eles! Continua a haver neste País, infelizmente, cidadãos de várias categorias. Por nós, que pouco podemos ante o mar de problemas que nos são postos, resolvemos aceitar, sem mais, dentro dos nossos muros, os três inocentes acima referidos.

● Como sabem, as nossas Casas são independentes umas das outras, vivendo dos seus próprios recursos e dos donativos ou ofertas que lhes são expressamente atribuídos. O auxílio oficial a esta Casa, veiculado pela Misericórdia de Lisboa, é de 99 contos anuais, isto há cerca de vinte e tal anos. Ante a insuficiência de tal verba, que não chega para um só mês de ordenados e encargos sociais, já escrevemos e falámos a quem de direito. Da Misericórdia não obtivemos resposta, embora, dali, com frequência, nos estejam a contactar para recebermos crianças... Já nos lembrámos de prescindir de tão ridícula ajuda, que os nossos Rapazes não deixarão de ter quatro refeições ao dia e todos os cuidados indispensáveis.

O que queríamos relatar, porém, é outra coisa. A verba acima referida é, normalmente, paga em parcelas trimestrais. Para as receber é indispensável provar que as contribuições para a Previdência estão em dia. Para lá da burocracia e dos passos e do tempo gastos, que a coisa poderia ser mais simplesmente resolvida, pasmosos com a desedificação que as esferas oficiais nos proporcionam. É ou não verdade que há muitas empresas intervenções ou estatizadas a dever milhares de contos à Previdência? Como se justifica, então, que recebam avales volumosos das finanças do País? Será que o alqueire tem duas medidas diferentes? A verborreia é caminho fácil e o sentido de justiça pouco importa.

Não seria favor nenhum que as Instituições privadas, com nítida repercussão social, fossem dispensadas do pagamento de todos os encargos com a Previdência e outros. Não estão elas ao serviço do bem estar das pessoas, individual e colectivamente consideradas? Não praticam elas autêntica previdência e não procuram elas providenciar no sentido de preencher as lacunas que o Estado está cada vez mais longe de resolver ou de encarar? Seria uma maneira indirecta, mas eficaz, de as ajudar. No caso concreto desta Casa que, repetimos, recebe anualmente 99 contos de subsídio oficial, paga-se cerca de 3 vezes mais para a Previdência. E onde vamos buscar este dinheiro? Aos donativos que nos dão e ao produto do trabalho da Comunidade. Sem mais comentários, porque

há coisas, na verdade, que não os merecem pelas incongruências que revelam.

● Continua a burocracia, que é doença grave neste País, anquilosante e inibidora. Nesta Terra, de tantas mangas de alpaca, por desconhecimento das leis ou por prepotência ou birra daqueles que as devem conhecer e correctamente entender, as arbitrariedades multiplicam-se. Vem este comentário a propósito de exigência havida há dias a um dos nossos antigos Rapazes, cujo pai fez o «favor» de nem sequer

o nome lhe dar. Era preciso preencher um impresso e a funcionária a quem o coube atender resolveu exigir que, no local destinado à filiação, em vez dum traço, fosse mencionado «pai incógnito» ou expressão equivalente. O Rapaz contestou, mas ante a ameaça de não se dar entrada ao papel em causa, e estava-se no último dia do prazo para o efeito, escreveu «pai natural»... Ao contar-nos o sucedido, com a alma dorida, não tivemos outro remédio que não fosse exclamar, como um antigo Mestre, que supomos ainda vivo: «Olha, deixa lá, que a ignorância é mãe da estupidez!»

Para os ignorantes e para esclarecimento de outras possíveis vítimas, transcreve-se a seguir, em letra encorpada, o

número 4 do artigo n.º 36, da Constituição da República Portuguesa: «Os filhos nascidos fora do casamento não podem, por esse motivo, ser objecto de qualquer discriminação e a lei ou as repartições oficiais não podem usar designações discriminatórias relativas à filiação». Bastará?!

● Para todos os nossos Amigos vão os melhores votos de bom Natal. Que os homens se amem, haja mais Justiça e mais Paz. A Encarnação do Verbo, para os cristãos, não deve ser mera poesia ou simples folclore. E que o Natal e a sua mensagem permaneçam vivos, em todos os instantes, no agir e no ser de cada um.

Padre Luiz

Retalhos

■ Continuamente nos batem à porta casos de rapazes que precisam de amparo. Os problemas apresentam-se com os mais variados matizes. Sempre duros, sempre dolorosos. A nossa Casa cheia leva-nos a manifestar a impossibilidade. Pedem-nos informação de outra Casa que os receba, mas nelas o problema é semelhante ao nosso. Também cheias.

As feridas humanas vivem sem haver quem as cure e o mal é que elas se espalham por todos nós.

■ O Paulino está connosco há algumas semanas. Vinha de uma vida miserável e o seu comportamento condizia. Não lhe foi fácil ter horas para cumprir e lugares para estar, muito menos estar sossegado para estar. Apesar de todas estas dificuldades, sentimos que havia dentro dele uma sensibilidade capaz de nos dar esperanças acerca da sua adaptação. O certo é que tem melhorado a olhos vistos, apesar das quedas... Quem não erra?! Um dia destes portou-se mal na Catequese. Nesse mesmo

dia, depois da oração da tarde, veio ter comigo e disse-me: — Sr. Padre, portei-me mal na Catequese — qual é o meu castigo?

Aquela confissão espontânea tirou-me a vontade de lhe dar castigo. Respondi-lhe que depois falávamos e fomos jantar.

Depois do jantar volta ao pé de mim:

— Qual é o meu castigo? Dei-lhe um castigo leve para

respeitar o seu sentido de justiça.

Com o que acabo de contar não quero dizer que o Paulino está livre dos efeitos dos anos de miséria. As feridas custam a sarar e só saram à custa de uma luta dura e prolongada. Apenas quis saborear esta pequena vitória e trazê-la até junto de vós.

Padre Abel

TRIBUNA DE COIMBRA

x Retirei-me uns dias para descansar no silêncio do Piódão e aquele bom povo encheu-me de mimos — «para si e para os seus meninos». Aquela gente tem razão para fugir da dureza de vida na sua terra.

O Piódão foi considerado imóvel de interesse nacional. Está certo — monumento nacional. A construção e cobertura das casas, tudo em lascas de pedra escura, é um encanto a juntar aos encantos que a Natureza ali revelou. Uma sementeira de casas na encosta da serra.

O Piódão, visto ao longe, é na realidade o presépio cuja imagem nos habituámos a idealizar. Visto à noite é um sonho. A iluminação é toda indirecta e com projectores. É um sonho encantado. Uma boa estância de férias.

x O centro é a igreja com seu largo em frente. No meio do largo colocaram um busto do Cónego Nogueira, que foi muitos anos pároco de Piódão e ali construiu a primeira escola e ensinou as pessoas de toda a região. Um santo que eu ainda conheci.

A igreja é também um museu

de imagens, de dourados e de flores. É o lugar de mais encontro de Deus com seu Povo. E o povo continua a fazer da igreja lugar de encontro. Que lindos cânticos e que lindas vezes nós ali escutámos!

x Pai Américo também esteve uma semana no Piódão a falar na igreja ao povo de Deus. A igreja encheu-se como um enxame. Num dos dias foi a uma povoação vizinha, Chãs d'égua, onde o povo o esperava na capela. Foi uma hora de caminhada a pé, por caminho estreito sempre a subir e debaixo de densa chuva. Ao chegar à porta da capela tirou os sapatos e as meias encharcadas e subiu ao púlpito com os pés descalços.

O sacerdote que o acompanhava e nos contou este facto, e que já tinha a sensação de que P.e Américo era um homem fora do vulgar, mais convencido ficou de que estava diante dum santo.

O povo daquela serra é um povo heróico, com obrigação de ser santo.

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

Banco Português Atlântico, Dependência do Bonfim, me quiseram oferecer no dia dos meus anos, mas que eu achei por bem, sem os melindrar, lembrar-me de vós, pedindo-lhes que a diferença fosse para a Casa do Galato, o que aceitaram de bom grado.

Um nosso velho Amigo, de Lisboa, pede uma elucidação — extensiva a outros Amigos — que fornecemos com muito gosto, sobre o imposto complementar:

As dádivas entregues à Obra da Rua são descontadas no rendimento colectável para efeitos

de imposto complementar. E a Obra da Rua fornece o recibo do seu donativo para incluir na declaração do referido imposto.

Votos de muita Paz e santa alegria, nas festas de Natal que se avizinham.

Manuel Pinto

Padre Carlos



Galato

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Galato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa